

A mulher no desporto do homem: rãguebi, o epicentro da hegemonia masculina no desporto

Vasco Neves

Universidade do Porto, FCDEF

vrigolet@portugalmail.pt

Resumo: Muitos sociólogos do desporto defendem convictamente que a prática desportiva actual reflecte constructos e perpetua crenças sobre a superioridade masculina e a inferioridade feminina (Bryson, 1994; Lenskij, 1998). Assim, a ideia de que o desporto é o lugar, por excelência, da equidade e da igualdade de oportunidades – ideia essa que é partilhada pela generalidade das pessoas (Davis e Louveau, 1998) –, deve ser posta em causa. Deste modo, urge reflectir acerca de um dos maiores problemas do desporto: a falta de equidade sexual e a hegemonia masculina patente neste fenómeno. Sendo o Rãguebi considerado por diversos autores como o epicentro da hegemonia masculina no desporto e, conseqüentemente, a modalidade em que o sexo feminino mais dificilmente tem acesso (Davis e Louveau, 1998), é pertinente utilizá-lo para compreender os mecanismos que promovem a hegemonia masculina no universo desportivo. Após efectuar uma revisão da literatura, ao analisar opiniões de vários autores, foram encontrados diferentes factores que permitem compreender a hegemonia masculina no desporto em geral e no Rãguebi em particular. Nesses factores destaca-se a enorme confusão existente entre as características sexuais da mulher – que, naturalmente, a diferenciam do homem – e as características que, culturalmente, estão associadas ao sexo feminino. Apesar do estado actual da ciência permitir uma clara distinção entre as características sexuais da mulher e aquelas que lhe são atribuídas de forma estereotipada e marginalizante, ainda há reminiscências de um passado recente – que considerava o desporto totalmente inadequado às características físicas, fisiológicas e psicológicas da mulher – que continuam a dificultar a inclusão do sexo feminino no desporto. Assim, se por um lado não existem dúvidas relativamente às diferenças sexuais que permitem que o homem tenha vantagem física em alguns desportos – tal como acontece no Rãguebi – (Guttman, 1991), por outro lado, não é menos verdade que, ao longo dos tempos, foram construídos conceitos sociais castradores de “feminilidade”, que não correspondem apenas à realidade das diferenças biológicas (para refs. ver Light e Kirk, 2000). Perante este cenário, torna-se difícil definir se a hegemonia masculina no desporto tem origem nas particularidades biológicas “reais” da mulher ou nas características herdadas culturalmente. Independentemente da origem deste problema, é fundamental rever e actualizar algumas crenças e convicções estereotipadas acerca da mulher e do próprio desporto, de forma a que este último se possa estabelecer como uma propedêutica social de equidade e igualdade de oportunidades.

Introdução

Apesar das mulheres, actualmente, participarem muito mais no fenómeno desportivo do que há algumas décadas atrás e de, hoje em dia, estarem presentes num vasto leque de modalidades com variadas características (Hargreaves, 1994), muitos sociólogos do desporto defendem convictamente que a prática desportiva actual reflecte constructos e perpetua crenças sobre a superioridade masculina e a inferioridade feminina (Lenskij, 1998). Bryson (1994) reforça esta ideia afirmando que o desporto é uma instituição poderosa através da qual a hegemonia masculina é construída e reconstruída. Deste modo, a ideia de que o desporto é o lugar, por excelência, da equidade e da igualdade de oportunidades – ideia essa que Davis e Louveau (1998) afirmam ser partilhada pela maioria das pessoas – deve ser posta em causa. Assim, procurar saber mais acerca deste assunto torna-se importante, de forma a promover uma reflexão acerca do desporto, suscitando uma tomada de consciência sobre um dos seus maiores problemas: a falta de equidade sexual e a hegemonia masculina patente neste fenómeno. Essa reflexão impõe-se a todos os profissionais do Desporto e da Educação Física, uma vez que têm um papel fundamental na correcção desta situação.

A pretensa hegemonia masculina no desporto, para alguns autores, é demonstrada: pelas constantes avaliações negativas que são feitas acerca das capacidades das mulheres (Bryson, 1994); pela identificação da masculinidade à ideia de dominância, força, competência física (Light e Kirk, 2000) e virilidade que, segundo Bouet (1968), inclui os conceitos de combatividade e audácia; pela desvirtualização de capacidades em que a mulher se pode destacar em relação ao homem, tais como a flexibilidade, a elegância e o equilíbrio (Lenskij, 1998); finalmente, pelas enormes dificuldades que as desportistas têm que enfrentar para participarem em

alguns desportos tradicionalmente considerados masculinos (Hargreaves, 1994; Davisse e Louveau, 1998).

Assim, é pertinente centrar este trabalho na modalidade que vários autores consideram como o epicentro da hegemonia masculina e, conseqüentemente, aquela em que o sexo feminino mais dificilmente tem acesso: o Râguebi (Hargreaves, 1994; Davisse e Louveau, 1998; Light e Kirk, 2000). Esta escolha é justificada pelo facto de ser mais fácil perceber os mecanismos que promovem a hegemonia masculina no desporto numa modalidade em que esses aspectos são mais evidentes. Por outro lado, tendo em consideração as condicionantes metodológicas e temporais para a realização deste trabalho, seria muito improvável conseguir estudar, de forma exaustiva, a hegemonia masculina no desporto em geral, analisando a participação da mulher em variadas modalidades. Por isso, este trabalho centra-se apenas numa modalidade desportiva que poderá permitir obter conclusões transferíveis a outras modalidades. Tendo isto em consideração, este trabalho pretende responder a uma questão que, provavelmente, possibilitará adquirir uma noção mais acertada acerca das causas da supremacia masculina no desporto: quais são os factores que tornam o Râguebi a modalidade mais representativa da hegemonia masculina no desporto?

A resposta a esta questão pretende clarificar um dos problemas mais significativos do desporto actual, oferecendo um manancial de conhecimentos que facilitem a intervenção crítica por parte de todos aqueles que têm uma participação activa no fenómeno desportivo.

A Mulher

Tal como afirma Hargreaves (1994), tem sido extremamente difícil ultrapassar as tradicionais premissas de que as diferenças entre os sexos são fundamentalmente biológicas e não culturais e que a superioridade masculina no desporto é "natural". Desde o aparecimento do desporto moderno no século XVIII (Candeias, 2001), a mulher tem sentido grandes dificuldades em penetrar naquilo que muitas feministas consideram e identificam como sendo a actividade masculina suprema (Bryson, 1994). Coubertin, considerado como o pai do desporto moderno, tal como Diem (1964) afirma, não era amigo do desporto feminino e, por isso, excluiu as mulheres dos Jogos Olímpicos de 1896. Neste século, enquanto que o homem era caracterizado como sendo naturalmente agressivo, competitivo e incisivo, a mulher era considerada como fundamentalmente emocional, cooperativa e passiva (Hargreaves, 1994). Essas características tornavam o desporto numa actividade tipicamente masculina e totalmente inadequada à mulher. Por outro lado, foram numerosos os médicos existentes no século XIX que providenciaram "factos", supostamente "objectivos", que visavam mostrar a total incompatibilidade do "sexo fraco" com as actividades desportivas. Várias teorias baseavam-se na ideia de que a mulher necessitava de muita energia para a função que lhe era destinada: a procriação (Davisse e Louveau, 1998). Assim, as actividades físicas eram-lhe totalmente interditas, uma vez que reduziriam essa energia limitada (Hargreaves, 1994).

Tendo isto em consideração, durante todo o século XIX estas ideias acerca da "natureza da mulher" foram integradas nas atitudes e comportamentos das pessoas, tornando-se numa realidade material (Hargreaves, 1994). Por outras palavras, esse conceito de mulher integrou o quotidiano, afectando a consciência de todos. Deste modo, as próprias mulheres acabaram por se acomodar à sua "inferioridade" (Davisse e Louveau, 1998), deixando o desporto exclusivamente remetido ao sexo masculino.

Apesar de muitas destas ideias já não fazerem qualquer tipo de sentido na actualidade, este passado recente deixou as suas marcas na sociedade hodierna. Assim, no desporto, tal como noutras áreas da vida, algumas representações convencionais e estereotipadas de feminilidade fazem parte de uma estrutura ideológica de poder que limita severamente a autonomia feminina (Hargreaves, 1994).

É evidente que todos temos consciência de que existem várias diferenças sexuais que permitem que o homem tenha vantagem em alguns desportos. Tal como Guttman (1991) afirma, os homens são mais altos, mais pesados e mais fortes do que as mulheres, ao nível psicológico parecem ter um tempo de reacção mais rápido e uma melhor percepção espacial. Por outro lado, a maior quantidade de testosterona que o homem possui explica parcialmente a diferença de força entre os dois sexos. Hargreaver (1994) acrescenta que o homem tem um centro de gravidade mais elevado, tem uma maior capacidade pulmonar, uma menor quantidade de tecido adiposo, uma maior quantidade de tecido muscular e tem os ossos mais densos quando comparado à mulher. Este autor acrescenta ainda que grande parte das diferenças biológicas referidas está relacionada com as adaptações do organismo da mulher inerentes à procriação.

Sendo estas diferenças evidentes, o problema surgiu com a construção de conceitos castradores de "feminilidade", que não correspondem apenas à realidade dessas diferenças. Apesar de "masculinidade" e "feminilidade" serem realidades sociais, há uma mística que, permanentemente, as procura relacionar a uma determinação biológica (Devisse e Louveau, 1998). Assim, algumas características que atribuímos à mulher, tais como a delicadeza, a fragilidade, a menor coragem, a menor competitividade e a menor agressividade comparativamente ao homem, nada têm de biológico. Contudo, a sociedade considera-as como inatas, como fazendo parte da natureza feminina (Bryson, 1994; Heagreaves, 1994; Devisse e Louveau, 1998). Segundo Hargreaves (1994), estas características podem ser explicadas como um processo de socialização a que todo o ser humano está sujeito desde o seu nascimento e que resulta em diferenças culturais e sociais entre os dois sexos.

Assim, trata-se de uma questão de género e não de sexo. O género está associado ao comportamento esperado de cada sexo: parte-se da assunção de que as raparigas e mulheres têm um conjunto de características que são comuns e constantes (Lenskij, 1998). Essas características que constroem o papel da mulher na sociedade limitam a sua inclusão no desporto. Desta forma, as verdadeiras diferenças biológicas – anteriormente citadas – entre o homem e a mulher não são as principais orientadoras da hegemonia masculina no desporto, mas sim as características com que a sociedade, culturalmente, estigmatiza as mulheres.

O Râguebi

Apesar do papel da mulher na sociedade actual já não ter nada a ver com o que lhe era atribuído no século XIX, a participação feminina em alguns desportos continua a ser encarada com alguma relutância. Tal como afirmam Devisse e Louveau (1998), as modalidades que mais resistem à conquista da mulher são aquelas que têm uma componente física mais acentuada, uma vez que não são compatíveis com a postura que se espera duma mulher. Essa postura tem a ver com as características estereotipadas (já referidas anteriormente) e culturais que a sociedade atribui ao sexo feminino. Contudo, são muitos os desportos em que são exigidos esforços extenuantes que têm uma grande participação de desportistas femininos (Esqui Nórdico, Ginástica, provas de longa distância de Natação...). Assim sendo, não é apenas a componente mais ou menos física de uma modalidade que determina a visível hegemonia masculina em alguns desportos. Hargreaves (1994) e Devisse e Louveau (1998) consideram que são os desportos que têm uma forte identidade masculina que se opõem mais duramente à incursão das mulheres, aqueles que estão profundamente inscritos na cultura e na memória colectiva dos homens.

O exemplo mais sonante de um desporto fortemente ligado à identidade masculina é o Râguebi (Hargreaves, 1994; Devisse e Louveau, 1998; Light e Kirk, 2000). Esta modalidade, segundo Devisse e Louveau (1998), revela a sua conotação "pouco feminina" através de várias componentes que acentuam a sua masculinidade, tais como: ser um jogo de grande terreno, ser praticado ao ar livre, ser jogado com bola no pé e implicar a oposição de duas equipas. Além disto, obriga a que a mulher se suje, "plaque" e seja "placada" e que tenha contactos "corpo a corpo"

violentos. Assim, "(...) atacando-se a outros corpos para fazer progredir a bola, o corpo feminino troca a sua delicadeza pelo combate" (Devisse e Louveau, pp. 116). Por outro lado, Light e Kirk (2000) afirmam que o contexto em que se desenrola todo o processo de treino do Râguebi é rodeado por um discurso de dominação, de agressão e de competitividade impiedosas e que o seu treino tradicional aponta para uma construção de uma agressividade e de uma força física superiores. Além disto, estes autores referem ainda o facto dos antigos jogadores da modalidade serem lembrados, fundamentalmente, pelo seu tamanho físico, pela sua força, pela sua agressividade, pela sua capacidade de sacrifício e pela sua resistência à dor. Portanto, o Râguebi sempre esteve ligado à masculinidade, a ideias de dominação física, à competitividade, à dureza e ao trabalho de equipa (Light e Kirk, 2000).

Desta forma, a avaliação deste desporto, tal como muitos outros, recai, primeiramente, em capacidades em que o homem, dadas as suas características biológicas, tem vantagem, tais como a força, a velocidade e a resistência. Por outro lado, a flexibilidade, o equilíbrio e a elegância, factores que, à partida, favoreceriam mais a mulher, são relegados para um lugar de menor destaque (Lenskij, 1998).

Com esta forte identificação do Râguebi à masculinidade, a sociedade está "educada" para encarar a modalidade como sendo o oposto daquilo que esperamos de uma mulher (Devisse e Louveau, 1998). Por isso, a participação feminina neste desporto choca, uma vez que a desportista não se limita a aprender gestos técnicos: ela joga com o seu próprio corpo, cultiva a força, a agressividade e o músculo, entrando num território reservado ao homem (Hargreaves, 1994). Além disso, contraria a sua pretensa fraqueza, comparando-se ao homem no terreno da sua última característica: a sua força muscular e a sua coragem física, pondo a virilidade masculina em causa (Devisse e Louveau, 1998).

Parafraseando Devisse e Louveau (1998) relativamente às reacções da sociedade perante a participação da mulher no desporto, "(...) tudo se passa como se a rudeza das reacções fosse proporcional à rudeza das práticas, à popularidade dos desportos, ao grau de virilidade que lhes está inerente, resumindo, à imagem que imprimiram nas mentalidades desde que existem." (pp. 117). Sem dúvida nenhuma, podemos considerar o Râguebi como uma modalidade dura, extremamente viril, estando-lhe associada uma imagem masculina. Assim, este desporto pode ser considerado como o epicentro da hegemonia masculina porque, tal como Hargreaves (1994) considera, põe em jogo a força física, impõe físicos corpulentos e implica choques e um severo combate "corpo a corpo".

Por último, é importante salientar que os desportos que, historicamente, são considerados como masculinos atraem pouco a participação feminina, uma vez que as próprias mulheres são reticentes em aventurarem-se em terrenos que percebem como desapropriados à sua natureza. Estas proibições têm um peso bem mais elevado do que o dos próprios regulamentos e são bem visíveis no Râguebi (Devisse e Louveau, 1998).

Conclusão

A discussão estabelecida anteriormente permite responder à pergunta de partida que motivou este trabalho. Deste modo, as diferentes opiniões dos autores abordados possibilitam enunciar os factores mais determinantes que tornam o Râguebi numa modalidade quase exclusivamente masculina. Antes de referi-los, é importante salientar que, através da revisão bibliográfica realizada, foi possível dividir esses factores em dois grandes grupos: aqueles que estão relacionados com a mulher (e com os valores e as ideias que gravitam em torno dela) e aqueles que se encontram ligados à própria natureza do Râguebi (e às características atribuídas pela sociedade a essa modalidade).

Começando pelo primeiro grupo de factores, pode ser salientada a enorme confusão, alimentada pela sociedade, entre as características sexuais da mulher – que, naturalmente, a diferenciam do homem – e as características que, culturalmente, estão associadas ao sexo feminino. Ou seja, desde o início do

desporto moderno que há uma confusão significativa entre sexo e género. Assim, a estrutura ideológica criada fez com que a mulher fosse considerada como “biologicamente” mais emocional, passiva e frágil. Estas características foram apontadas para limitar a incursão feminina no desporto. Apesar da enorme evolução científica, ocorrida entre o século XVIII e o nosso século, permitir uma clara distinção entre as (verdadeiras) características sexuais da mulher e aquelas que lhe são atribuídas de forma estereotipada e marginalizante, ainda há muitas reminiscências desse passado recente que continuam a dificultar a vida das desportistas. Por outro lado, nunca se poderá considerar que as características sexuais que, fisicamente, diferenciam a mulher do homem são um factor adjuvante para combater a hegemonia masculina no Râguebi, uma vez que a vantagem física do homem num desporto com essas características é, por demais, evidente.

Passando agora aos factores que tornam o Râguebi numa modalidade onde a supremacia do sexo masculino é evidente, poderemos apontar dois que englobam todos os restantes: o facto de ser um desporto extremamente “físico” e de ter uma identidade masculina severamente implantada.

Todos os factores referidos encontram-se extremamente correlacionados uns com os outros. Dessa forma, não se pode saber, de forma inequívoca, onde se inicia a influência das características “reais” da mulher ou das características por ela herdadas culturalmente. Por outro lado, pode-se questionar a origem da forte identidade masculina da modalidade: será que está relacionada com as capacidades físicas diferentes dos homens e das mulheres ou será que parte do preconceito puro? Julga-se que as diferenças físicas são, indubitavelmente, responsáveis por algumas das diferenças de performance entre os sexos e que isso contribui, pelo menos parcialmente, para a hegemonia masculina no Râguebi. Contudo, a influência cultural que a sociedade tem sofrido ao longo dos anos faz com que a postura que esperamos de uma mulher seja antagónica à sua participação nesse desporto. Este último facto tem sido o principal responsável pelas dificuldades que as mulheres têm sentido ao tentarem participar em alguns desportos. Assim, o que faz com que certas práticas se feminizem mais facilmente que outras, não são tanto as práticas em si, mas sim o imaginário que elas implicam e que lhes está associado.

Os factores enunciados que permitem responder à pergunta de partida poderão ser alargados a vários desportos onde a hegemonia masculina é, também, evidente, tais como a Luta, o Boxe, o Halterofilismo, o Futebol, entre outros. Assim, tal como se pretendia neste trabalho, foram apresentadas algumas causas para o desenvolvimento de uma hegemonia masculina em alguns desportos. A apresentação dessas causas permite o desenvolvimento de uma maior consciência relativamente a um dos maiores problemas do desporto. Simultaneamente, poderão contribuir para sensibilizar alguns intervenientes no fenómeno desportivo, no sentido de responsabilizá-los pela anulação do desenvolvimento e da transmissão de ideias estereotipadas acerca da mulher – que têm vindo a condicionar a sua participação no desporto. Essa mudança ideológica é árdua e necessita de um esforço constante, uma vez que essas ideias estão tão enraizadas culturalmente que, com frequência, são alimentadas inconscientemente. É fundamental evitar tal situação uma vez que parece ser este o principal factor causador da hegemonia masculina no desporto.

Bibliografia:

- BOUET, M. (1968): Signification du sport, Édition Universitaires.
- BRYSON, L. (1994): “Sport and the maintenance of masculine hegemony”, in Women, sport, and culture, Susan Birrel e Cheryl Cole (Eds), Human Kinetics.
- CANDEIAS, J. (2001): “A mulher e o desporto”, in Desporto, Vol.IV (41): 14-18.
- DAVISSE, A. LOUVEAU, C. (1998): Sports, école, société: la différence des sexes, Paris, L'Harmattan.
- DIEM, C. (1966): Los origenes del deporte moderno, Luis de Caralt (Ed).
- GUTTMANN, A. (1991): Women's sports. A history, New York, Columbia University Press.
- HARGREAVES, J. (1994): Sporting females. Critical issues in the history and sociology of women's sports, London, Routledge.

LENSKIJ, H. (1998): "“Inside sport” or “on the margins”", in International review for The sociology of sport, Vol.I (33): 19-32.

LIGHT, R. KIRK, D. (2000): "High school rugby, the body and the reproduction of hegemonic masculinity", in Sport, education and society, Vol.V (2): 163-176.